

A QUESTÃO DA TECNOLOGIA NO PENSAMENTO DE MARTIM HEIDEGGER OU UMA POSSÍVEL LEITURA DA CONFERÊNCIA “SERENIDADE” (1959)

Maria Aparecida Rafael (Bolsista – PET Filosofia)

Profa. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro (Orientadora - Tutora do Grupo PET Filosofia)

Agência financiadora: MEC/SESu

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da tecnologia e a relação que o homem estabelece com ela no pensamento de Martin Heidegger (1888-1976). Para tanto utilizaremos uma conferência proferida por Heidegger no ano de 1955 que se intitula “*gelassenheit*” “serenidade” na qual ele nos fala do caráter técnico que domina o mundo atual. Nessa conferência ele nos alerta para o fato do homem atual apenas se apropriar dos objetos tecnológicos, e ao se apropriar desses objetos ele esquece de si ao tornar-se “pobre – em - pensamento”, perdendo assim suas raízes.

Palavras-chave: serenidade, pensamento, tecnologia.

A conferência de Martin Heidegger (1888-1976) intitulada “Serenidade”¹ é um discurso comemorativo² proferido por ele no ano de 1955 numa cerimônia em homenagem ao compositor alemão Conradin Kreutzer³, seu conterrâneo. Nesse discurso ele enfatiza a importância do pensamento em uma comemoração. Segundo o autor, para que haja verdadeiramente uma comemoração é necessário que todos pensem⁴. Pensar é meditar. Sendo assim, numa comemoração em homenagem a uma pessoa que consideramos importante não basta simplesmente fazer um belo discurso sobre ela, dizer palavras bonitas ou elogiar sua vida e seus feitos. Nada disso teria importância se não houvesse meditação. Comemorar é meditar sobre tudo o que se diz a respeito do homenageado, pois tudo o que diz a respeito dele, diz respeito a cada um de nós na medida em que fazemos parte do mesmo mundo, do mesmo solo que ele. Nesse mesmo discurso Heidegger afirma também que nem sempre os discursos comemorativos, por melhor que sejam, nos levam a uma meditação⁵. Segundo ele, isso se deve ao fato do homem de hoje estar se tornando cada dia mais “pobre - em - pensamento”. Pobreza essa que de modo algum pode ser definida como uma perda da capacidade de pensar. Nós nunca perdermos nossa capacidade de pensar, e nem podemos sequer a ela

¹ HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 1º edição, 2001.

² Martin Heidegger foi convidado para fazer um “discurso comemorativo” em homenagem ao compositor alemão Conradin Kreutzer. Segundo Heidegger a importância do discurso comemorativo se deve ao fato de que ele ajuda a pensar mais sobre o homenageado e igualmente sobre sua obra. (ibid., p.11).

³ Conradin Kreutzer foi o compositor alemão homenageado pelo filósofo alemão Martin Heidegger em uma cerimônia que ocorreu no ano de 1959, ano em que se comemorava o 175º aniversário desse compositor. Este discurso proferido nesta cerimônia foi transformado em uma pequena obra que se intitulou “Serenidade”.

⁴ Segundo Heidegger “para que haja comemoração é necessário que pensemos. (ibid.p.10).

⁵ Mas como podemos ver, Heidegger afirma também que “nem sempre um discurso comemorativo garante que pensemos durante a comemoração”. (ibid., p.11).

renuncia⁶. Pois, essa capacidade de pensar se evidencia em tudo que pensamos ou não pensamos, em tudo que fazemos ou deixamos de fazer; é aquilo que nos é assim tão próximo que sequer nos damos conta dela. Nesse sentido, podemos afirmar que essa pobreza de pensamento que invade o ser do homem atual pode ser caracterizada mais propriamente, como uma indiferença ou um desinteresse ao que nos constitui primordial e essencialmente. Nós nos tornamos “pobres-em-pensamentos” quando permitimos que nossa capacidade de pensar se torne improdutivo⁷ como, por exemplo: uma semente que nunca germinou, muito embora estivesse contida nela a possibilidade da árvore, da flor e do fruto. Heidegger afirma que o homem atual não quer pensar. Mas, é também possível afirmar, contrariamente, que em nenhuma outra época o homem foi capaz de alcançar tamanha inteligência como atualmente⁸. De certo modo ambas as afirmações são corretas, se levarmos em conta que para Heidegger existe dois tipos de pensamento. O pensamento que medita e o pensamento que calcula⁹.

Heidegger, ao analisar esse dois tipos de pensamento, primeiramente, diferencia um do outro. Segundo o autor, “o pensamento que calcula não é um pensamento que medita”¹⁰, mas de acordo com a sua visão, ambos são necessários e importantes. Porém, a questão chave a qual cabe a nós investigarmos com mais rigor e da qual Heidegger nos alerta nesse discurso é o fato de que o homem de hoje supervaloriza o pensamento que calcula e esquece do pensamento que medita. Essa afirmação de Heidegger de modo algum pode ser considerada uma crítica infundada ao pensamento que calcula. O que Heidegger quer é nos alertar para o fato de que o pensamento que calcula não é o único modo que o homem possui de lidar com as coisas, com os outros e consigo mesmo.

Ou seja, não é só o pensamento que calcula que rege o ser do homem no mundo. De acordo com Heidegger tanto o pensamento que medita quanto o pensamento que calcula são necessários, pois ambos os pensamentos são modos que possibilitam ao homem realizar a sua existência na terra. Os dois tipos de pensamento descrevem a própria

⁶ Ver o que Heidegger nos diz sobre o porquê “nunca podemos renunciar a nossa capacidade de pensar”. (ibid., p.12)

⁷ Segundo Heidegger apenas “tornamos improdutivo nossa capacidade de pensar pelo fato de que mesmo quando estamos sem pensamento jamais podemos renunciar à nossa capacidade de pensar”. Torná-la improdutivo é então não permitir que nossos pensamentos deem bons frutos, ou seja, que eles produzam algo que diz respeito a nós mesmos e ao outros. (Ibid., p12).

⁸ Heidegger afirma “que em época alguma se realizaram planos tão avançados, se realizaram tantas pesquisas e se praticaram tantas investigações”, como na sua época. Heidegger se referia as décadas de 40 e 50 do século XX, período em que o mundo ainda vivia e lembrava os horrores deixados pela segunda grande guerra mundial. A inteligência foi utilizada para criar tecnologias que contribuíram para destruir milhões de vidas humanas.

⁹ Ver o que Heidegger compreende por “pensamento que medita e pensamento que calcula”. Ibid., p.13.

¹⁰ Ibid., p.13.

maneira por meio da qual o homem se relaciona com o mundo a sua volta. Mas o que vem a ser esse pensamento que calcula e como podemos caracterizá-lo?

Pois bem, segundo Heidegger, o pensamento que calcula é o pensamento que rege a tecnologia. Para caracterizarmos esse tipo de pensamento, e na tentativa de compreendê-lo melhor, utilizaremos o exemplo do engenheiro de obras. O engenheiro ao projetar e executar uma obra não precisa necessariamente estar de fato presente nela. Através da internet ou do telefone celular, por exemplo, é possível, o engenheiro se comunicar com as demais pessoas que trabalham na obra e acompanhar todas as etapas da construção mesmo que ele esteja muitas léguas de distância. Ele pode planejar, calcular os gastos, o tempo necessário para a construção de uma obra de seu próprio escritório ou até mesmo de sua casa. Antes mesmo de iniciar a construção de uma obra, o engenheiro tem a possibilidade de prever sua construção por meio de um projeto determinado. Ao elaborar esse projeto o engenheiro se baseia em outras obras já existentes, ou seja, ele se baseia num saber já previamente dado e estabelecido. E com base nesses dados ele irá então desenvolver o seu projeto. Mas para que o seu projeto possa vir a se concretizar, ele necessita deixar de ser projeto, e isso acontece na medida exata em que a obra começa a ser construída. Ao observarmos toda essa dinâmica percebemos que o engenheiro é quem irá calcular e determinar a obra, é ele então quem irá orientar e chefiar toda a sua equipe que nela trabalha. Podemos afirmar que a obra realizada e o modo de realizá-la encontram-se centradas na própria razão humana – que pertence não apenas ao engenheiro, mas a todo homem. Por isso é que os subordinados desse engenheiro podem compreender as ordens que lhes são dadas por ele. Esse modo de operar do engenheiro, que nos serve de exemplo, evidencia o modo como a ciência e a tecnologia operam. Elas operam mediante o cálculo e a previsão. Operam desde o imperativo da razão que quer a si mesma. Ou melhor: quando o pensamento que calcula se volta para o mundo, ele apreende esse mundo desde as suas (do pensamento) possibilidades.

Nisso, o pensamento que calcula converte o mundo num objeto conformado aos cálculos e previsões que lhes são próprios.

Pois bem, Heidegger admite que o pensamento que calcula, obtém resultados eficazes, haja vista a crescente descoberta de novas tecnologias que facilitam nossa vida e que nos permitem ultrapassar as barreiras do próprio tempo e do espaço. Esse modo de pensar, ou melhor, esse pensamento que calcula, cuja eficiência é tão evidente nas

nossas relações cotidianas, é, segundo Heidegger tão necessário quanto o pensamento que medita. É nessa eficácia e necessidade que reside o risco de uma permanência na ambiência desse tipo de pensamento - à medida em que esse tipo de pensamento pode ser admitido como o único modo de se existir sobre a terra. Contudo, nesse tipo de pensamento também encontramos aquilo que salva porque quando ele é apreendido na sua essência mais própria, a qual Heidegger chamou de pensamento que medita, dá-se então a experiência propriamente dita da serenidade. Mas que experiência é essa? O que vem a ser o pensamento que medita?

Segundo Heidegger o pensamento que medita é a essência do pensamento que calcula. É nesse sentido que podemos afirmar que a essência do pensamento que calcula, “o essencial da técnica não é nada técnico”¹¹. O pensamento que medita, medita o coração da técnica, ou seja, pensa a técnica no seu ser mais próprio. O pensamento que medita não está preocupado com a descoberta de novas tecnologias, pois isso é tarefa do pensamento que calcula, mas a sua importância revela-se no fato de que ele é a própria essência dessa técnica que vigora em nosso mundo.

Contudo, o homem atual ao fazer uso da técnica descobre tecnologias cada vez mais avançadas, tecnologias essas que vão possibilitar a ele a conquista da própria natureza. Porém, ao conquistá-la para seu uso próprio, ele a transforma e a destrói, colocando em risco o futuro da própria humanidade. O homem coloca em risco o futuro do seu próprio mundo e de sua própria existência porque ele esqueceu o pensamento que medita. Devido à ausência do pensamento que medita, o homem da técnica esquece que ele jamais terá o total domínio sobre a natureza. Ele não percebe que muitas vezes a destruição que ele provoca na natureza pode causar conseqüências irreversíveis. Muitas dessas conseqüências já podem ser percebidas claramente em nossos dias. Diariamente os meios de comunicação social nos alertam para a questão do aquecimento global, da destruição da camada de ozônio, da escassez de água potável, do aumento de doenças causadas pela poluição do ar. Talvez nem precisemos mais sermos alertados para nos darmos conta de tudo isso, pois já “sentimos na pele” todos esses fatos. O homem está a cada dia mais pobre de pensamento, ele não percebe que ao destruir a natureza ele destrói si próprio. Essa sua ausência do pensamento que medita é tão crítica em nossos dias que o homem da técnica não é capaz de lembrar que a natureza não pode ser criada duas vezes e que, portanto ele não poderá recriar novamente por meio dessa mesma

¹¹ FOGEL, Gilvan Luiz. *Martin Heidegger, et Coetera e a Questão da Técnica Moderna*. Da Solidão Perfeita - Escritos de Filosofia. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

técnica, aquilo que já foi destruído na natureza. Mas qual é a causa dessa ausência do pensamento que medita?

Pois bem, a ausência do pensamento que medita se deve ao fato de que as pessoas atualmente não têm mais tempo de meditar sobre aquilo que estão mais próximas delas. Elas estão cada dia mais apressadas, pois querem sempre chegar primeiro para conquistar a novidade que a tecnologia lhe oferece, novidade que já vem pronta e acabada e que chega com a mesma rapidez com que vai embora. As pessoas já não têm mais tempo de viver o tempo presente, também não se preocupam em olhar para trás para o seu passado. Elas estão com os olhos e com o pensamento voltados sempre para o futuro, atraídas pela ânsia do resultado. Talvez seja por isso que descartam com tanta facilidade aquilo que elas tiveram tanta pressa para adquirir, mas, no entanto não tiveram tempo para conquistar, apenas se apropriam desses objetos tecnológicos, pois a conquista exige tempo, tempo para meditar. É por isso que Heidegger nesse mesmo discurso nos fala que devido a essa ausência do pensamento que medita até mesmo as comemorações estão cada vez mais pobres-em-pensamentos. Em nossas relações cotidianas apenas nos apropriamos das coisas. Até mesmo as nossas relações com os outros e com o mundo são superficiais. É por isso que o homem da técnica não medita nas palavras que são ditas nos discursos. Ele acredita que em nossos dias o pensamento que medita é algo que já está fora da realidade, e, além do mais afirmam que esse pensamento não ajuda a solucionar os problemas que estão presentes no seu próprio cotidiano. Para muitos a meditação é algo elevado demais e por isso dizem que ela não é para todos, ou seja, ela não é para o senso comum. Mas, segundo a visão de Heidegger o homem é um ser que medita, que pensa. Muito mais do que uma busca ou uma ação, esse pensamento é, antes de tudo, um repousar em si ou ser o que já é. Porém, pensar não é uma tarefa fácil. O pensamento que medita não é algo que surge de repente, "ele exige, por vezes, um grande esforço"¹². Podemos dizer que ele exige de todos nós paciência. Mas, ao observarmos o nosso mundo percebemos que o homem atual quer o imediatismo, ele precisa da rapidez e da pressa do pensamento que calcula. O homem deixa-se facilmente seduzir pelo pensamento que calcula e quanto mais seduzido ele se encontra conseqüentemente, mais dominado ele fica por esse pensamento perdendo assim suas próprias raízes. O homem perde suas raízes quando ele supervaloriza apenas o pensamento que calcula e se torna indiferente ao pensamento que medita.

¹² Ibid., p14.

Quando o homem perde as suas raízes, ele perde todas as suas referências, ele perde a si mesmo.

Mas resta-nos saber o que esse homem que faz uso desses objetos tecnológicos deve fazer para que ele possa conviver com a tecnologia sem que ele perca as suas raízes? Pois bem, na tentativa de esclarecer a questão acima, primeiramente, é necessário perguntarmos o que Heidegger compreende por tecnologia? A tecnologia, segundo Heidegger nada mais é do que a herança que recebemos da Tradição do pensamento Ocidental. Herança essa que precisa ser conquistada a cada dia. Mas ao conquistá-la ela nos aprisiona e nos liberta. Aprisiona-nos quando nós simplesmente apropriamos daquilo que ela nos impõe por meio da cultura, dos costumes, dos valores, sem que possamos meditar. Libertar-nos quando nós nos colocamos a pensar a essência dela. Portanto, para que o homem não perca as suas raízes é necessário que ele saiba pensar a essência da tecnologia. Pensar essa essência é superar a tecnologia, não no sentido de depreciá-la ou aniquilá-la, mas antes, de passar por dentro dela, de compreendê-la mais radicalmente.

Pensar a essência da tecnologia é pensar a essência de nós mesmos. E quando pensamos a nossa essência naquilo que ela tem de mais próprio, descobrimos que nós, enquanto seres existentes somos finitos e limitados. Descobrimos isso na própria relação que estabelecemos com as coisas que estão ao nosso redor. Quando nos relacionamos com os objetos tecnológicos observamos que eles também estão na esfera dessa mesma finitude e por isso não devemos ficar presos a eles. Sendo assim podemos dizer que ao pensar a essência de nós mesmos impedimos que a tecnologia nos aprisione, ou seja, nos transforme em seus servos. Seremos servos da tecnologia quando tivermos apenas um pensamento que calcula. Quando o homem só tem o pensamento que calcula, é porque ele já se encontra dominado pela tecnologia e por isso ele fica cada dia mais pobre de pensamento, já não medita sobre si mesmo e nem sobre o mundo que está a sua volta.

Heidegger nos fala que não podemos deixar que a tecnologia nos domine e faça com que percamos nossas raízes. Para que isso não aconteça ele irá então nos apresentar dois modos pelos quais devemos nos comportar diante dos objetos tecnológicos. Segundo Heidegger para não sermos dominado pela tecnologia é necessário que saibamos simultaneamente dizer sim e dizer não a esses objetos. O que significa dizer sim e não, ao mesmo tempo, aos objetos tecnológicos?

Ora, dizer sim e dizer não aos objetos tecnológicos nada mais é do que a "serenidade" que devemos ter ao lidar com tais objetos. Serenidade é uma palavra antiga, que Heidegger vai buscar lá na mística renana da idade média na qual tem Mestre Eckhart (1260-1327) como um dos seus principais representantes. Ter "serenidade" para com as coisas, ou melhor, para com os objetos tecnológicos implica em enxergar esses objetos não apenas do ponto de vista da técnica. "Serenidade" é perceber que há um mistério que envolve toda e qualquer técnica. Essa serenidade não implica numa evasão do mundo tecnológico ou numa negação que desencadearia na aniquilação da tecnologia, mas num modo de ser mais radicalmente nas coisas, na atenção ao Mistério que perpassa todas as nossas relações cotidianas

Assim Heidegger nos diz:

O sentido do mundo técnico oculta-se. Porém, se atentarmos agora, particular e constantemente, que em todo o mundo técnico deparamos com um sentido oculto, então encontramos imediatamente na esfera do que se oculta de nós e se oculta precisamente ao vir ao nosso encontro. O que, deste modo se mostra e simultaneamente se retira é o traço fundamental daquilo a que chamamos o mistério¹³.

Mas o que vem a ser esse Mistério e porque podemos afirmar que existe um mistério que envolve a técnica? Pois bem, mistério é tudo aquilo que está oculto, que não é manifesto e por isso mesmo não pode ser concebido e nem compreendido. Conforme nos diz o trecho citado acima o mundo técnico é marcado pelo mistério. Mistério esse que permanece sempre oculto para cada um de nós. Os homens jamais conseguirão desvendar o mistério que envolve a técnica pelo fato dela não ser uma invenção humana. Se pararmos para pensar quem inventou a televisão, o computador, o avião, quem descobriu a cura para algumas doenças, poderemos facilmente dizer que foi este ou aquele cientista, mas não saberemos explicar os motivos que levaram esses cientistas a fazer essas descobertas. Talvez até possamos encontrar inúmeras explicações científicas para tais descobertas, e chegarmos a conclusão que tudo isso só é possível porque o homem é um ser inteligente, mas de onde vem toda essa inteligência que possibilita a ele todas essas conquistas? É por tudo isso que podemos dizer que existe um mistério que envolve toda e qualquer descoberta científica e tecnológica. Mistério sempre oculto e que só se revela a nós na medida em que nos mantivermos abertos a ele. Abertura que só se torna possível por meio da serenidade. Como vimos, serenidade

¹³ Ibid., p.25

é dizer sim e dizer não a técnica, é acolher e manter-se aberto a esse mistério que está oculto na técnica. Dizer sim e não é estar junto à técnica desde um desapego – desapego no sentido de não considerá-la como alguma coisa em si, possuindo uma autonomia que possa decidir e escolher tudo, onde não cabe nenhuma escolha ou decisão. Se retomarmos o sermão alemão de número 86 de Mestre Eckhart¹⁴ que se encontra no Livro da Divina Consolação e Outros Textos Seletos e intitula a “A Excelência de Marta sobre Maria”, vemos que nele o Mestre cita uma passagem do evangelho de São Lucas, mas especificamente o versículo 14 do capítulo 10 no qual podemos perceber uma proximidade dessa experiência com aquela experienciada por Marta, sobre a qual é alertada por Jesus: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só”¹⁵. Ou seja, Marta estava junto às coisas, não dentro delas, por isso uma só coisa é necessária: o abandono do mundo estando ainda no comércio com esse mesmo mundo. Não sem alguma precipitação, podemos dizer segundo Heidegger, que dizer sim e não à técnica significa estar junto à técnica, porém não dentro dela.

O grande problema da técnica é quando ela é tomada como algo absoluto, fora da circunstância desde a qual ela advém. Ela se vê então fora da dinâmica pela qual ela já sempre se regeu. Essa dinâmica é o mistério que se oculta sempre na circunstância em que se instaura. A abertura ao mistério só é possível àqueles que têm um pensamento que medita. Aqueles que sabem dizer simultaneamente sim e dizer não a técnica são os únicos capazes de reconhecer este mistério que está oculto na técnica e, portanto são capazes de manterem-se abertos a ele. Manter-se aberto ao mistério não é se afastar do perigo que constantemente ameaça o homem atual, perigo esse que pode nos transformar cada vez mais pobres-em-pensamentos ao permitir que apenas o pensamento que calcula domine o mundo. Não podemos nos afastar do perigo, pois não podemos deixar de fazer uso dos objetos tecnológicos, os objetos tecnológicos facilitam a vida de todos nós e por isso conforme nos diz Heidegger, temos que aprender a dizer sim e não a eles. É dessa tensão entre o sim e não que se refere Heráclito no fragmento 18: “*Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem*

¹⁴ Achemos importante citar esse sermão alemão de Mestre Eckhart, devido a proximidade que Heidegger estabelece com a questão da Gelassenheit (Serenidade) trabalhada por Eckhart. Heidegger ao dizer que é preciso ter serenidade para com os objetos tecnológicos, podemos ouvir reverberar nessa sua fala a presença de Eckhart quando este destaca a fala de Jesus dirigida à Marta no capítulo 10 do evangelho de São Lucas.

¹⁵ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas. 1991. L.C. 10, 38-40.

*vias de acesso*¹⁶. Espera pelo Inesperado. Espera é, pois, a estrutura discursiva onde já sempre amanhecemos (o já ser no mundo) – estrutura imediatamente disponível e que nos permite uma relação de mais proximidade com mundo. O inesperado surge no momento em que o homem descobre que não possui um ser substancial, mas que seu ser se constitui numa conquista constante.

Mas como é possível vivermos “na espera do inesperado” se Heidegger na conferência de *gelassenheit* “serenidade” nos diz que no mundo de hoje “toma-se conhecimento de tudo pelo caminho mais rápido e mais fácil e com a mesma rapidez tudo se esquece”¹⁷? Pois bem, isso segundo Heidegger se deve ao fato do homem atual viver sempre na expectativa do novo, na espera da novidade que a tecnologia lhe oferece. As coisas se transformam numa velocidade tão grande que o homem não consegue meditar sobre todos os avanços tecnológicos que ele está presenciando atualmente. O homem não consegue meditar porque ele não percebe que ele é a medida da técnica, que o projeto de ser dele é anterior a toda e qualquer técnica.

O homem só é, ou melhor, ele só ganha o seu ser, na relação que ele estabelece com as coisas que estão a sua volta. Contudo, ao lidarmos com os objetos tecnológicos percebemos que eles sempre nos impõem à experiência da tentação e da serenidade. Tentação de ficarmos apenas com o pensamento que calcula e assim deixarmos que a ausência do pensamento que medita nos faça esquecer a nossa essência. Impõe-nos a experiência da serenidade quando nós percebemos que é preciso dizer sim e não à tecnologia. Temos que dizer sim a ela, na medida em que não podemos deixar de fazermos uso dos objetos tecnológicos, e dizer não à tentação de nos sentirmos seduzidos pelo pronto e o acabado e com isso nos acomodarmos cada dia mais a todas essas facilidades que tecnologia nos oferece. Por tudo isso podemos concluir que a questão proposta por Heidegger na década de 50 do século passado ainda continua atual em pleno século XXI. Desde então cinco décadas já se passaram e a humanidade já presenciou incríveis avanços tecnológicos. A tecnologia sempre nos desafia a estarmos num constante aperfeiçoamento. Ela nos permite compreender que nós seres humanos nunca estamos prontos, feitos e acabados. Na medida em que o homem descobre novas tecnologias ele tem a oportunidade de se refazer, de se recriar junto com elas. Todos os dias temos novamente que nos lançar no mundo para conquistar sempre de novo a

¹⁶ HERÁCLITO. *Fragments*. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1980, p.57

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*, Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 1ª edição, 2001.p.11

medida do nosso ser. Se lançar é estar sempre aberto para fazer a experiência da serenidade. Serenidade que é simplesmente acolher aquilo que se é e jamais querer além daquilo que se pode ser.

Referências Bibliográficas:

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas. 1991.

ECKHART, Mestre. *Sermões alemães: Sermões 1 a 60.* Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006. 2 v.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOGEL, G.L. *Do "Coração-Máquina"-Ensaio de aproximação à questão da tecnologia.* Da Solidão Perfeita - Escritos de Filosofia. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

_____. *Martin Heidegger, et Coetera e a Questão da Técnica Moderna.* Da Solidão Perfeita - Escritos de Filosofia. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências.* 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Serenidade,* 1ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001.

HERÁCLITO. *Fragments.* Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1980.

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. *O jogo do tempo. fundamento e liberdade no pensamento de M. Heidegger* (tese apresentada ao Departamento de Filosofia da UFRJ), 1999.